

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.  
GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA  
Telefs. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPRENSA DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA	24. SET. 1979	REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

Respondendo a “pateada” em Viseu

## Pintassilgo quer meter o “comboio nos carris”...

• A *Primeiro-Ministro* passou o fim-de-semana em nova “exploração” pelo interior do País, participando em reuniões e fazendo aparições públicas para “dialogar” com o povo e escutar protestos e reclamações. Entretanto, em entrevista a um matutino do Porto, justificou assim a sua deslocação à ONU: “A minha nomeação despertou grande interesse em muitos países”. E vai a Nova Iorque com a garantia de que o Papa a receberá, como é seu desejo desde que o general Eanes a escolheu para chefiar este Governo transitório.

(Pág. 10)



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA	24. SET. 1979	REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

de o que está mais abalizado voluntários das empresas... As dívidas das empresas a promover a integração do nosso país na Comunidade... Banca, a Caixa de Previdência... Adores textos que parecem

O povo não a deixou discursar

# Pintassilgo assobiada em Viseu quando "coroava" uma "rainha"

Numa entrevista tão longa como desinteressante — a primeira que concede a um órgão da imprensa escrita — Maria de Lurdes Pintassilgo deu ao "Jornal de Notícias" um depoimento recheado de declarações de intenção, mas sem conteúdo. Ou talvez com um conteúdo tão distante das realidades nacionais que não é, pelo menos, o discurso do primeiro-ministro de Portugal, neste ano da graça de 1979, em que os seus habitantes vão ter de dar o seu veredicto político nas urnas, por duas vezes, no mesmo mês de Dezembro.

Compacta, com respostas longas a perguntas curtas, apenas mais incisiva quando respeitante aos órgãos de Comunicação Social — tema que tem o condão de enervar a primeiro-ministro, levando-a sempre a pronunciar-se doutoralmente sobre a informação que temos, e expendendo palavras tão nobres e doutorais sobre o que devia ser essa mesma informação. Maria de Lurdes Pintassilgo é a primeira pessoa a reconhecer que não se identifica com o povo que governa. Para ela, que vive no estrangeiro, há imensa dificuldade em se movimentar nos critérios de esquerda e direita no contexto português. Para ela, ainda, estamos longe da imaginação de Quinhentos, mundo em que parece ainda situar-se.

disse em Viseu e em Lamego, onde também se deslocou.

Reproduzidas por alguns jornais do Norte e pela delegação do Ministério da Comunicação Social no Porto, chegaram aos jornais declarações várias e em várias circunstâncias da primeiro-ministro. Ao longo das sessões em que participou com elementos do seu Governo, atentamente seguidas pela Comunicação Social portuguesa, registadas desta forma afirmações como promessas de actuar de forma "a meter o combeio nos carris".

Ou: "Estamos a perder oportunidades espantosas-de uma ajuda real sem qualquer

ção Social, a Imprensa, por exemplo, ainda é um dos poucos meios que restam aos portugueses de se informarem, evoluindo, de se documentarem, instruindo-se, de se prepararem, recordando. Isto, apesar de Maria de Lurdes Pintassilgo afirmar que "de certeza que o que quer que venha nos jornais, 24 horas depois já passou". Talvez seja, não uma constatação, mas um desejo, felizmente não satisfeito.

Não admira, aliás, esse tipo de desejo, numa pessoa que admite uma solução para a situação económica, em que o País fosse contido dentro das suas próprias fronteiras,

possível conseguir e fazer ultrapassar".

Na opinião de Maria de Lurdes Pintassilgo — que se esconde sempre sob um escudo intelectual que a faz pairar acima dessa plebe de que contraditoriamente tanto parece querer aproximar-se — não se está a dar em Portugal uma recuperação capitalista, "porque julgo que nunca chegámos a ter capitalismo a sério". Assim, na altura da "revolução de Abril nós estávamos num espaço económico que era o espaço capitalista e tínhamos meia-dúzia de empresas que funcionavam dentro das leis de mercado, mas, enquanto estrutura interna da economia, tínhamos duas realidades".

Por um lado, prossegue, "tínhamos os chamados Planos de Fomento, com uma estrutura capitalista" (al aproveita para referir os progressos notáveis nos últimos anos nos modelos criados), e, por outro, "uma realidade que era pré-capitalista e na maioria das empresas era, ao fim e ao cabo, um regime feudal que é completamente diferente do regime capitalista".

Finalmente, refira-se apenas outra passagem da entrevista, precisamente a última, em que Maria de Lurdes Pintassilgo fala sobre o futuro imediato que é o seu, do ponto de vista político. Com efeito, posta perante o problema da interpretação de uma frase sua em que declarava considerar-se subjectivamente exonerada a seguir às eleições, explicou que, na altura, ver, com o Presidente da República e inclusivamente com outras forças políticas, "a melhor maneira de dar tradução objectiva aquilo que é uma interpretação subjectiva; "Ou peço a demissão ou o sr. Presidente da República me exonera".

Como Fernando Pessoa, a primeiro-ministro deve entender que os portugueses ficaram desempregados depois de terem descoberto o caminho marítimo para a Índia, prova de cepticismo que não se esperava de quem tem tão grandes reservas de esperança e de possibilidades de transformar a sociedade. Simplesmente, como o nosso jornal já apontou no início da sua carreira, e por muito que isso custe a Maria de Lurdes Pintassilgo e à sua "patine" intelectual de embaixadora da Unesco, é primeiro-ministro de um Governo que tem de administrar a "coisa pública" em Portugal, com portugueses, em 1979, num contexto que é esse e não outro.

## "EXPLORAÇÃO" PELO INTERIOR

Mas, neste fim-de-semana, a primeiro-ministro esteve em foco não só por esta entrevista, como pelos ecos da sua "exploração" pelo interior, acompanhados pela notícia insistentemente repetida de que irá ser recebida pelo Papa João Paulo II na semana que vem, em Nova Iorque. Confirmado já pelo ministro dos Negócios Estrangeiros português à sua partida para aquela cidade, o encontro decorrerá graças à deslocação de Maria de Lurdes Pintassilgo para discursar na Assembleia Geral das Nações Unidas que ali se realiza.

Na entrevista, de que mais adiante reproduzimos algumas passagens, a primeiro-ministro justifica essa sua viagem em termos de razão de Estado: "Há uma razão positiva, diz, é que a minha nomeação despertou grande interesse em muitos países". Assim, pensou,



VISEU — Primeiro-Ministro na Feira de S. Mateus

também se que "tinha mesmo obrigação moral, de algum modo, de testemunhar pela minha presença, e por aquilo que vou dizer, o que são as preocupações de Portugal neste momento, perante as grandes questões da vida internacional", o que, para si, é "uma razão de Estado".

Mais perto, precisamente em Viseu, Maria de Lurdes Pintassilgo também opinou sobre diversos problemas desse País que parece desconhecer, falta que quer colmatar com algumas idas ao interior nas poucas semanas que tem à sua frente como Chefe do Governo. Na Feira de S. Mateus — onde seria assobiada quando "coroava" a "rainha" do "Vestido de Chita", concurso ali organizado — Maria de Lurdes Pintassilgo viu as poucas palavras que quis proferir "inutilizadas" por nova vaga de assobios. No entanto, este não seria o destino da maior parte das palavras que

espécie de encargos posteriores para nós, justamente por rivalidades de serviços entre concelhos e partidos". Ou: "Na área da terceira idade do distrito de Viseu encontra-se ainda mais pobre do que na infância".

Frases enquadradas num contexto em que descentralização, cultura, saúde, habitação ("faltam um milhão de casas em Portugal, no entanto, o Ministério da Habitação e Obras Públicas vai continuar as obras em curso e vai acabá-las"), educação, ocuparam lugar de destaque. Ao nível das declarações, claro, ao nível dos contactos de dois dias, das sessões, das reuniões, das visitas.

## AS LONGAS VINTE E QUATRO HORAS

Voltando à entrevista de Maria de Lurdes Pintassilgo, fixem-se também algumas passagens, para que constem, pois apesar de todas as limitações naturais e que o Estado tem imposto à Comunica-

sujeitando-se então os cidadãos a um tratamento de choque de uma inflação de 100 por cento. Claro que Maria de Lurdes Pintassilgo tem o cuidado de referir, instada pelo jornalista, que não admite que em Portugal isso possa vir a acontecer, logo acrescentando, contudo, que uma das razões é ter essa solução "um sabor de limitação das liberdades individuais que só com a mobilização das consciências e das vontades é que seria